

Estados de tempo e suicídio - coincidência ou consequência?

Ana Monteiro

Edite Velhas

(Instituto de Geografia da FLUP)

1. Introdução

O gesto suicida, apesar de ter sido alvo de inúmeros e controversos estudos no âmbito da filosofia, da psicologia, da psiquiatria e da sociologia, continua a ser, quase absolutamente, incompreendido.

Para além da multiplicidade de factores envolvidos, o profundo enraizamento social da tradição cristã, que sempre condenou o suicídio, considerando-o como um pecado e recusando aos autores o funeral religioso, não tem facilitado, também, uma abordagem isenta e racional¹ das causas que conduzem o homem a decidir -se pela sua morte.

Apesar de não ser punido por lei no vigente Código Penal Português (1982), o suicídio continua a ser considerado um acto *vergonhoso*, que é ocultado e rodeado, sempre que possível, pelos familiares, o que torna as estatísticas muito pouco expressivas da realidade.

Qualquer que seja a perspectiva de abordagem deste problema a análise, exclusivamente, das Estatísticas oficiais está condenada ao fracasso uma vez que a maior parte dos suicídios não são registados como tal. A própria definição do que é ou não suicídio não é pacífica. Recorde-se a este propósito os inúmeros acidentes de viação por excesso de velocidade, sobretudo nos estratos etários mais jovens, o tabagismo, algumas práticas desportivas, etc. que são, segundo alguns especialistas, verdadeiros gestos suicidas, e, que não são registados como tal.

Para uns o suicídio é um acto de liberdade, para outros um desejo de auto-destruição, uma evasão, um meio de escapar antecipadamente a ameaças e a angústias como pensava FLORBELA ESPANCA quando escreveu:

"...Deixai entrar a Morte, a Iluminada,
a que vem para mim, para me levar.
Abri todas as portas par em par
Como asas a bater em revoada.

Que sou eu neste mundo? A deserdada,
A que prendeu nas mãos todo o luar,
A vida inteira, o sonho, a terra, o mar,
E que, ao abri-las, não encontrou nada!.."

¹Recorde-se a este propósito a polémica interdição de venda em França do livro de CLAUDE GUILLON e YVES le BONNIEC *Suicídio. Modo de Usar*, Antígona, 1990, com a alegação de ser uma obra perturbadora da ordem pública. Este livro, sustentando a ideia de que a morte é um direito individual avança com um receituário completo de produtos a ingerir no caso de desejar suicidar-se sem grande sofrimento. Esta *censura* é bem demonstrativa da dificuldade que a sociedade tem, ainda, de dialogar sobre o suicídio, enquanto escolha consciente de pôr fim à existência, e de equacionar de uma forma isenta os inúmeros problemas éticos, morais, religiosos e políticos envolvidos.

Há quem defenda que pode ser inclusivé uma forma de vencer o receio da morte, outros vêem nele uma forma de se agredir e/ou agredir a sociedade, reflectindo no *Eu* a agressividade contra o mundo.

O leque de justificações plausíveis para optar pelo suicídio inclui argumentos desde o tipo de relações que se estabelecem entre o *ego* e o *super-ego* propensos à internalização da agressividade, até razões de ordem económica, demográfica, climática, cósmica, etc.

Embora envolto em todas estas incertezas quanto à sua génese, parece certo e consensual, entre os especialistas, que apenas uma pequena parte dos suicídios se devem a doenças graves do foro psiquiátrico², e que o suicida não tem de ser, portanto, forçosamente, um indivíduo alienado.

SAMPAIO (1991) ao tentar definir um quadro de causas e o perfil psiquiátrico do suicida conclui que envolve um conjunto multideterminado. Haverá, inicialmente, aquilo que designa por *factores desencadeantes* que podem ser de tipo afectivo, a morte de um familiar, o divórcio dos pais, ou de tipo social, o insucesso escolar ou profissional. Estes factores vão sendo *arquivados* e, posteriormente, contribuem para um quadro depressivo com ansiedade omnipresente e total isolamento. Uma vez instalado, este *quadro depressivo* pode conduzir ao suicídio.

É para este preciso momento em que os diversos problemas memorizados são reavivados e redimensionados que julgamos importante o comportamento de alguns elementos climáticos.

Parece-nos legítimo acreditar, portanto, que determinadas **condições climáticas**, que designaremos, por agora, simplesmente, de *depressivas*, podem contribuir decisivamente para aumentar a probabilidade de ocorrência de **situações de risco de suicídio**.

Se, por um lado, não é de esperar que surjam entre o Clima e o Comportamento humano relações simples de causa-efeito parece-nos que é uma hipótese que não pode ser, à partida, descurada. Quanto mais não seja, convém entender o facto de ser um tipo de relação tão vulgarmente utilizada pelo senso comum para justificar determinados estados de espírito e predisposições momentâneas.

Uma sequência prolongada de dias sem luminosidade, com precipitação fraca mas contínua, com instabilidade ou com fraca movimentação do ar, não é, certamente, um bom quadro exterior para quem pretende reduzir a dimensão dos múltiplos problemas que lhe assomam à mente e propiciam o desejo de deixar de viver.

Existem nos diversos estudos já elaborados sobre o tema algumas *coincidências* estatísticas curiosas. As mulheres suicidam-se muito menos do que os homens³,

²"...Segundo as estatísticas e da análise do nosso próprio material, um terço dos suicídios dão-se nas doenças do foro psiquiátrico...", MENDES, J.FRAGOSO, Nota prévia sobre a incidência do suicídio em Lisboa, s/data.

³Dos 871 suicídios consumados em Portugal, no ano de 1990, 643 foram homens e 228 foram mulheres.

O nosso objectivo não é mais do que observar se existe alguma relação entre determinadas **combinações de parâmetros climatológicos** e a **tomada de decisão do suicida**, ou o simples desencadear de determinadas patologias do foro psiquiátrico conducentes ao suicídio.

Iniciaremos a nossa abordagem com a análise do fenómeno suicídio em Portugal, nos últimos 20 anos, recorrendo apenas às Estatísticas da Saúde, publicadas pelo INE. Estas, servir-nos-ão, exclusivamente, para dimensionar a importância social e humana deste problema, uma vez que a busca das eventuais relações estado de tempo-suicídio será elaborada a partir de uma outra fonte de informação, que nos pareceu passível de traduzir a relação que procuramos - o número de chamadas para o Telefone da Amizade⁶.

2. O número de óbitos por suicídio em Portugal nas últimas duas décadas.

À semelhança do que acontece noutros países, também em Portugal o período em que ocorreram maior número de óbitos por suicídio ao longo dos últimos 20 anos circunscreve-se a Junho e Julho (Fig.1)⁷. Só muito esporadicamente o pico foi registado em Março (1973), em Abril (1972 e 1987), em Agosto (1970 e 1972) ou em Setembro (1977).

Apesar da carga social e psicológica associada aos meses próximos do Natal propiciar a sobreavaliação da solidão e reavivar, com mais intensidade, a saudade, Novembro, Dezembro e Janeiro permaneceram, invariavelmente, ao longo das duas últimas décadas, no grupo dos meses com menor número de suicídios.

A confirmação, em Portugal, dos mesmos meses de Junho e Julho como os mais propensos ao suicídio reavivou-nos, decididamente, a vontade de afastar a hipótese de ser apenas uma coincidência, e incentivou-nos a entendê-la como uma consequência, de múltiplas causas, certamente, mas também, porque não do ritmo climático intra-anual.

Se as justificações de teor social se ajustam melhor ao ritmo interanual, não são de idêntica eficácia quando apreciamos o comportamento intra-anual. Neste caso, mais do que no primeiro, é mais plausível recorrer também às características assumidas pelo meio físico nesta época do ano, das quais faz parte a componente climática, para justificar o pico anual em Julho.

⁶Aproveitamos para agradecer a incansável e imprescindível colaboração da responsável por este serviço Sr^a Dr^a Ana Maria Braga da Cruz e do colaborador voluntário deste serviço, Sr. António Pinheiro.

⁷No entanto, segundo Eduardo Freitas, O suicídio em Portugal no séc.XX- elementos empíricos para uma pesquisa, "Finisterra", XVII(34), CEG, Lisboa, 1982, p.267-300, para os períodos 1940-45 e 1965-69, o número máximo de suicídios ocorreu durante a Primavera.

O ritmo a que se registam os suicídios consumados ao longo do ano é muito semelhante ao da temperatura, da insolação e da duração do dia nas nossas latitudes.

Os totais anuais entendem-se melhor se nos socorrermos exclusivamente de causas socioeconómicas. Repare-se que o aumento dos totais anuais entre 1974 e 1980 coincidiu com a divulgação de novos valores sociais após a Revolução de 25 de Abril de 1974 (Fig.1). Neste período, foram imprimidas profundas transformações na sociedade portuguesa e houve um grande envolvimento afectivo na vida política nacional, capazes de gerar as condições que DURKHEIM aponta para o suicídio altruista e para o anómico⁸.

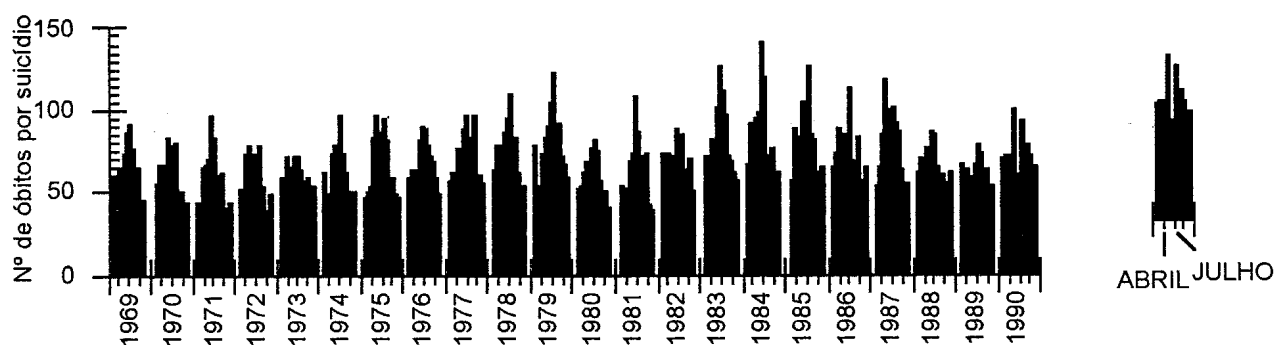


Fig.1- Número de óbitos em Portugal Continental (1969/1990)

A crise económica e a instabilidade política vividas, à escala nacional, no início da década de 80, reflectiu-se no aumento do número de suicídios entre 1983 e 1987.

É interessante constatar que as diferenças comportamentais entre o S e o N do país, apontadas por alguns sociólogos, evidenciam-se no fraco peso que o distrito do Porto revela no contexto nacional (Fig.2a). Parece porém, emergir desta análise que o estrangulamento no mercado de trabalho e a crise económica em geral, vividas entre 1983 e 1987, se reflectiram mais no distrito do Porto, do que a mudança política e social de 1974 (Fig.2 a e b).

O forte contributo do meio urbano para o incremento no número de suicídios durante a década de 80, está também patente quando se observa o aumento percentual de óbitos na cidade, comparativamente ao total ocorrido no distrito (Fig.2b).

Desde 1983 os suicídios consumados na cidade do Porto têm ultrapassado os 20% do total do distrito, peso que só muito esporadicamente atingira até então.

⁸O suicídio para DURKHEIM deve-se fundamentalmente a uma incapacidade de integração social, que classifica em 3 categorias: egoísta, quando a integração do indivíduo na sociedade é fraca; altruista, quando há uma relação excessivamente forte entre o indivíduo e a sociedade; anómico, quando as forças sociais fracassam.

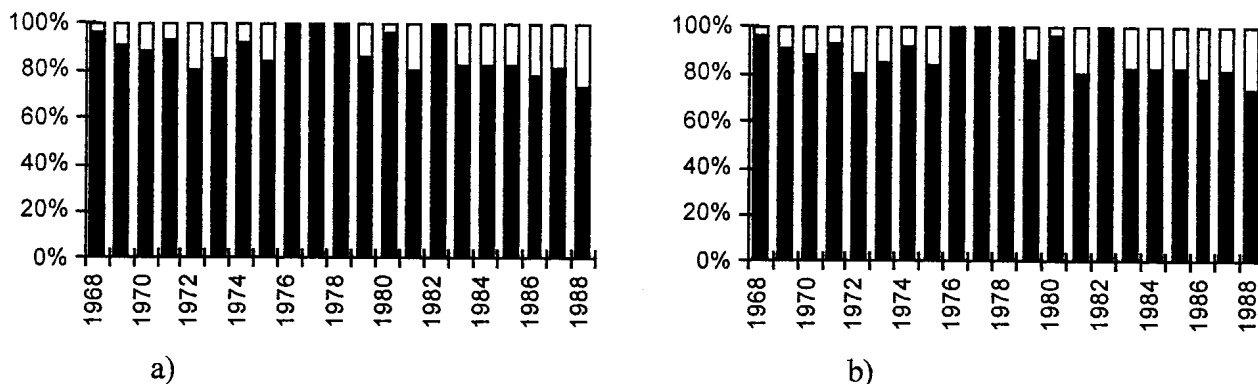


Fig.2 - a) N° de óbitos no distrito do Porto relativamente aos ocorridos no Continente (1968/1988⁹);
 b) N° de óbitos no concelho do Porto relativamente aos ocorridos no distrito do Porto (1968/1988)

3. O Telefone da Amizade - um potencial indicador do momento em que se desencadeiam condutas suicidas.

Reconhecendo a ineficácia das estatísticas oficiais para obter uma ideia, ainda que muito genérica, dos processos envolvidos no gesto suicida, decidimos, à semelhança de outros trabalhos, procurar, indirectamente, obter idêntica informação através da análise da frequência e número de chamadas atendidas no *Telefone da Amizade*¹⁰.

Este serviço de apoio destina-se a auxiliar pessoas em estádios de angústia e desespero com grande predisposição para o suicídio.

Sobrevivendo, exclusivamente, à custa de trabalho voluntário e sendo um serviço de apoio muito recente, vocacionado, prioritariamente, para responder e ajudar as pessoas em situações de crise, não é de estranhar que não possua um levantamento exaustivo, nem sequer detalhado, do número e tipo de chamadas recebidas. O facto de ser garantido ao utente absoluto sigilo, e de lhe ser dado total protagonismo quanto ao teor, duração e ritmo da conversa, não permite enriquecer os dados disponíveis.

Ainda assim, pareceu-nos que é, de longe, uma fonte com maior probabilidade de traduzir com alguma veracidade o momento em que se desencadearam os quadros depressivos capazes de conduzir ao suicídio.

⁹Limitamos a nossa análise ao ano de 1988 uma vez que a partir desta altura a estrutura das Estatísticas da Saúde, deixaram de discriminar o distrito do Porto, passando a tratá-lo num conjunto mais amplo que designam ora por Região Norte, ora por Grande Porto.

¹⁰O *Telefone da Amizade* instalado no Porto, a que nos referiremos, só funciona entre as 16h e as 24h. O facto de ser um serviço assente no voluntariado não lhe permite cobrir o período crítico da madrugada.

Para esta análise foram-nos disponibilizados o número e características das chamadas telefónicas recebidas entre 1 de Julho de 1989 e 31 de Junho de 1991.

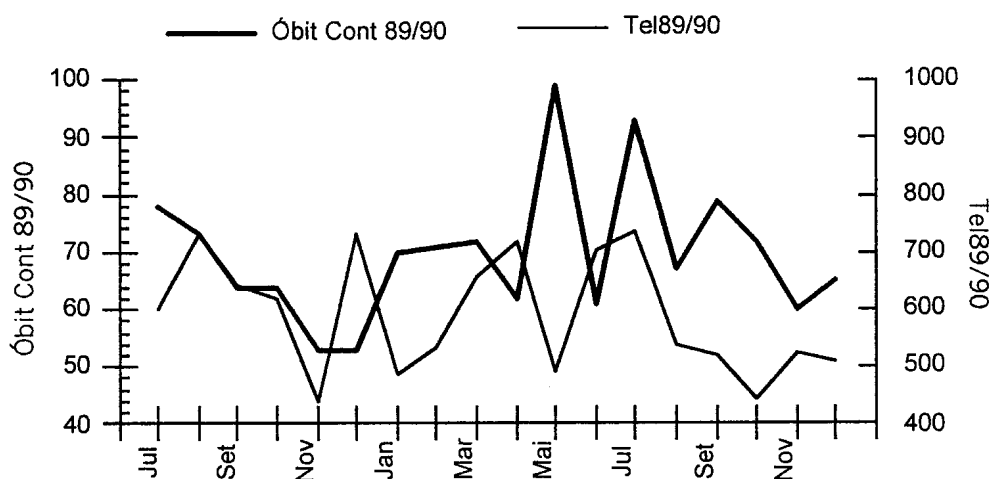


Fig.3 - Comparação entre o número de óbitos por suicídio no Continente e o número de chamadas atendidas no *Telefone da Amizade* (1 de Julho de 1989 a 31 de Junho de 1991)

À excepção de Maio, parece haver um grande paralelismo e proporcionalidade no ritmo evolutivo intra-anual das duas variáveis analisadas (Fig.3). O número de chamadas atendidas mensalmente foi, durante o período estudado, cerca de dez vezes superior ao número de suicídios consumados em cada mês.

A comparação destas duas fontes, além de evidenciar a importância do apoio prestado por este serviço de atendimento, contribui para reforçar os argumentos, atrás referidos, em desfavor da utilização exclusiva das fontes estatísticas oficiais, na avaliação de um fenómeno com uma carga moral, social e política ainda tão pejorativa.

Verificado este paralelismo entre o número de chamadas e os suicídios efectivamente consumados, esperaríamos que o ritmo intra-anual encontrado nos últimos 20 anos (Fig.1), prevalecesse entre 1 de Julho de 1989 e 31 de Junho de 1991, ou seja um claro máximo em Julho e Junho e um mínimo em Novembro, Dezembro ou Janeiro.

O total mensal de chamadas atendidas em 1989/91 não permite definir, claramente, estes dois picos esperados (Fig.4). Além de não sugerirem o comportamento padronizado esperado, evidenciam picos anuais em Julho e em Dezembro. Este último, como vimos, foi um dos meses que, nas duas últimas décadas, registou dos mais baixos totais mensais de suicídios e apresentou uma variabilidade relativa fraca ao longo de toda a série.

Curioso é, também, confirmar a ideia mais ou menos generalizada de que as mulheres fazem muito mais tentativas de suicídio, embora sejam os homens que mais

consumam o acto (Fig. 5). O número de mulheres a solicitar os serviços do *Telefone da Amizade* foi 5 a 6 vezes superior ao dos indivíduos do sexo masculino.

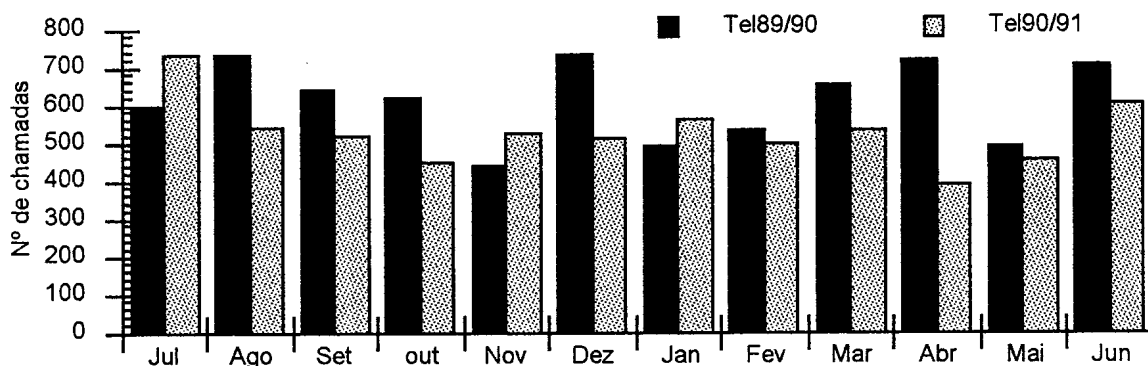


Fig. 4 - Número de chamadas atendidas no Telefone da Amizade de 1/7/1989 e 31/6/1991.

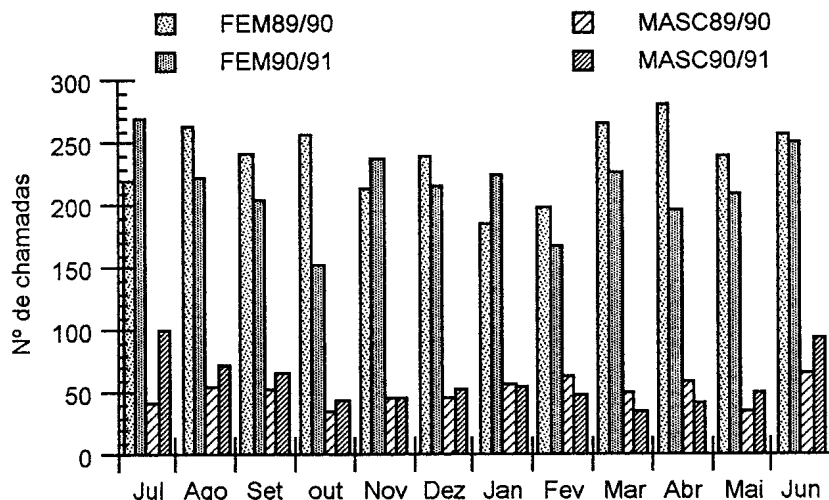


Fig. 5 - Número de chamadas telefónicas efectuadas por mulheres e por homens.

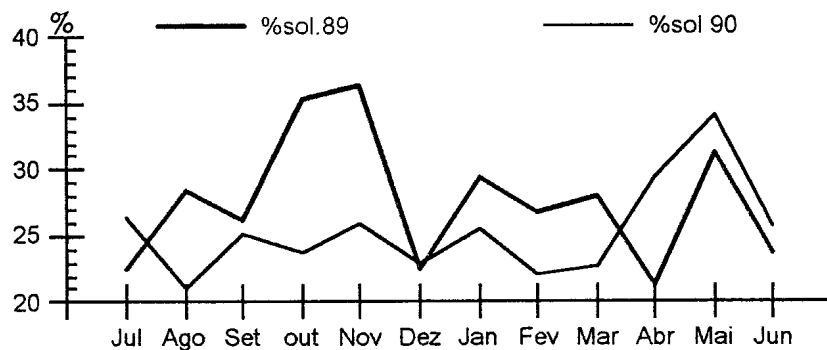


Fig. 6 - Percentagem dos telefonemas motivados pela solidão relativamente ao total.

A solidão foi, sem dúvida, a razão que, maioritariamente, levou as pessoas a socorrerem-se deste serviço (Fig.6). Mais de 20% dos problemas mencionados tinham na origem a solidão. Problemas de relacionamento familiar ou luto representaram uma pequena parte dos factores desencadeantes do quadro depressivo.

A duração média das chamadas ronda os 30 minutos e quem mais telefona enquadra-se no grupo etário entre os 25 e os 50 anos.

Desta breve análise gostaríamos de reter, como geógrafos especialmente interessados nos condicionalismos impostos ao homem pelo clima, o facto de não se ter verificado nos dois anos estudados o ritmo intra-anual previsível. Partindo do princípio que os argumentos de índole económico-social passíveis de justificar o comportamento num e noutro ano são idênticos, fica legitimada a procura de *outras* possíveis *diversidades*, nomeadamente ao nível do comportamento dos elementos climáticos.

Mai e Junho foram os únicos meses que, relativamente à média anual, tiveram um comportamento idêntico no primeiro e segundo anos. Maio sempre com valores abaixo da média e Junho com valores superiores (Fig.7).

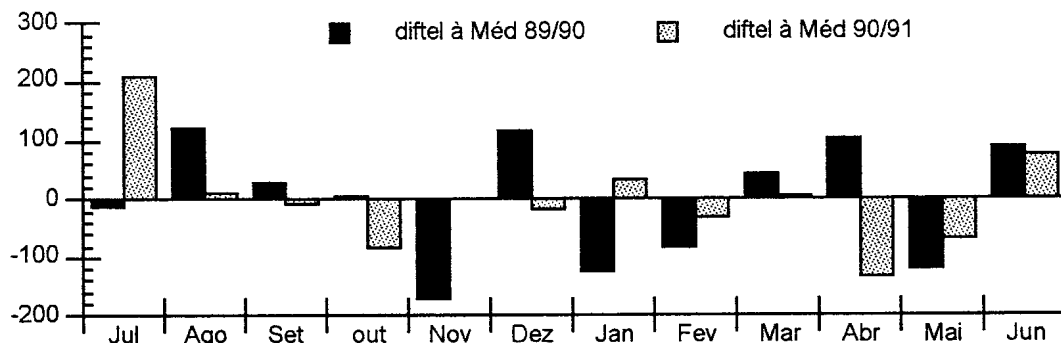


Fig. 7 - Diferença entre o número de chamadas mensais recebidas no *Telefone da Amizade* e a média anual.

Todos os outros meses apresentaram um total de chamadas muito diverso, tanto em termos absolutos como relativos (Fig.7 e 8). Do conjunto, destacam-se Julho e Agosto, Dezembro, Abril e Outubro, por apresentarem uma diferença maior ou igual a 140 chamadas entre o primeiro e o segundo anos (Fig.8).

Sendo Julho e Dezembro, meses extremos, no que se refere às potenciais condições de agravamento de quadros depressivos conducentes ao suicídio, é de estranhar que tenham propiciado número muito idêntico de chamadas em dois anos distintos.

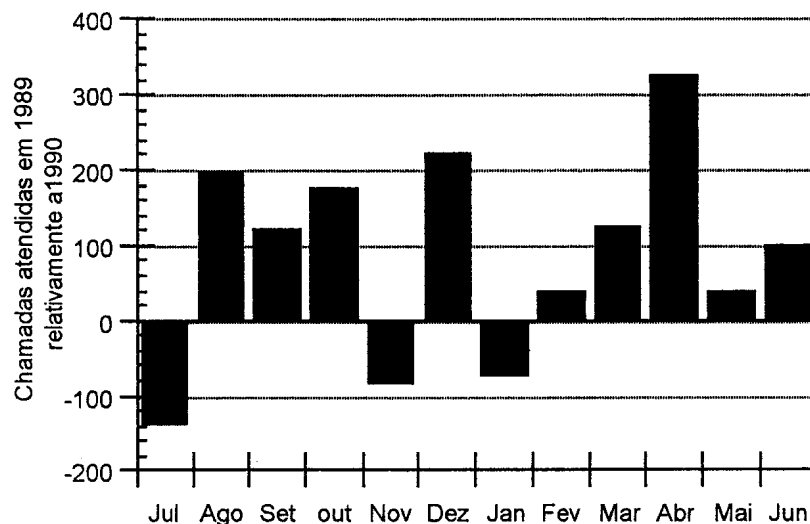


Fig. 8 - Diferença entre o número de chamadas recebidas por mês em 1989/90 relativamente às de 1990/91.

Acreditando que a componente climatológica, não sendo determinante, poderá contribuir para a ocorrência destas *anomalias*, propomo-nos inventariar alguns dos parâmetros climáticos registados neste período com o objectivo de verificar a existência de alguma relação.

4. As características do estado de tempo e o número de quadros depressivos desencadeados¹¹

A análise sistemática dos valores de pressão atmosférica, nebulosidade, velocidade e rumos predominantes do vento, precipitação e temperatura registados na estação de Porto-Serra do Pilar, bem como a avaliação das situações sinópticas durante os meses anteriormente seleccionados não sugere, obviamente, relações simples de causa-efeito.

A busca orientada pelos pressupostos que o senso comum define como os mais propícios à melancolia e à sobrevalorização dos problemas, mostra-se insuficiente para justificar as grandes diferenças entre os mesmos meses em anos seguidos (Figs. 9, 10 e 11).

Aparentemente, os meses com maior número de dias com pressão atmosférica baixa, com temperaturas extremas, com grandes amplitudes térmicas, com sequências

¹¹A definição dos momentos em que se desencadearam os quadros depressivos foi estabelecida com base nos registos do *Telefone da Amizade*.

de dias de nebulosidade superior a 8/10 e/ou sob a acção de situações depressionárias, deveriam corresponder a meses com maior probabilidade de desencadear quadros depressivos.

O comportamento da temperatura e da pressão atmosférica apenas nos poderá ajudar a compreender o maior número de telefonemas em Dezembro de 1989 relativamente ao de 1990 (Fig.9). Durante o primeiro houve um maior número de dias com pressão atmosférica abaixo da normal do que no último. Todavia, nem a amplitude térmica diurna, nem a ocorrência de temperaturas extremas evidenciam qualquer relação com o total de chamadas telefónicas registadas (Fig.9).

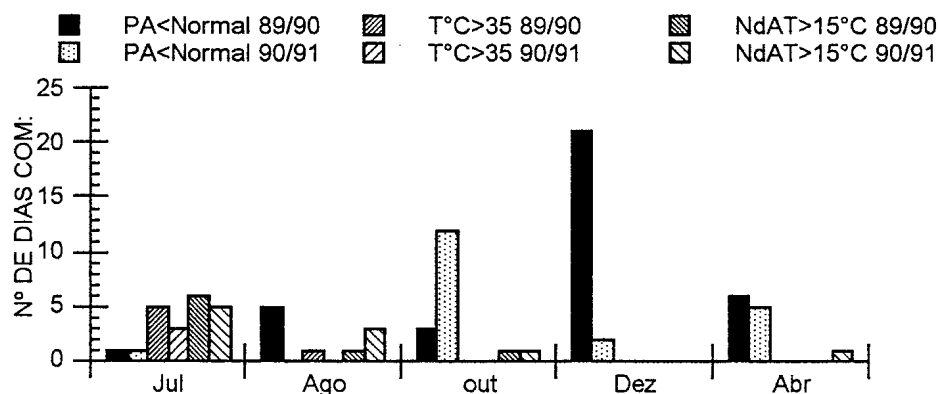


Fig.9- Número de dias com pressão atmosférica abaixo dos 760 mm Hg, com temperatura acima dos 35°C e com amplitude térmica diurna superior a 15°C.

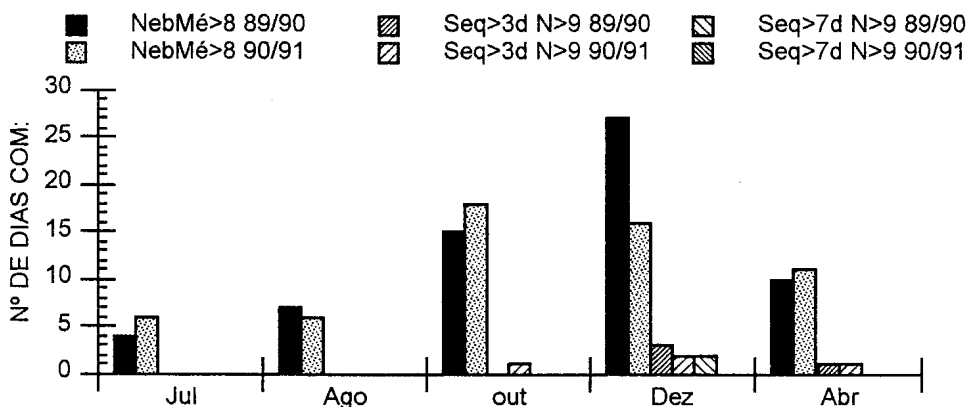


Fig.10- Número de dias com nebulosidade média superior a 8/10, frequência de ocorrência de sequências de 3 dias e de 7 dias com nebulosidade média igual ou superior a 9/10.

A contabilização do número de dias com forte nebulosidade, ou das sequências de mais de 3 e mais de 7 dias com nebulosidade $\geq 9/10$ não são, à excepção uma vez mais de Dezembro, ilustrativas de qualquer relação com o número de quadros depressivos desencadeados (Fig. 10).

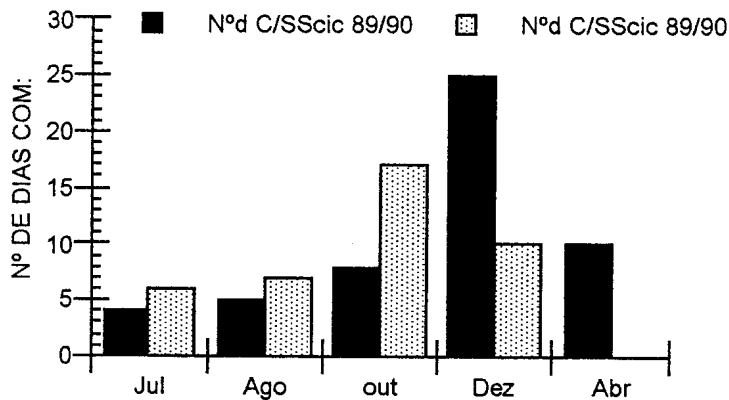


Fig.11- Frequência mensal, em número de dias, sob influência de situações depressionárias.

O mês de Dezembro de 1989 foi o que registou maior número de dias com nebulosidade média acima de 8/10, mais sequências de 3 e de 7 dias com nebulosidades médias superiores ou iguais a 9/10, o que ajuda a compreender o extraordinário número de solicitações ao *Telefone da Amizade*

O mês de Dezembro de 1989 foi também, claramente, o que teve maior frequência de situações depressionárias (Fig.11), o que explica, em grande parte, o comportamento dos elementos climáticos que acabamos de referir.

A permanência ao longo do mês de massas de ar de trajecto oceânico, associada a uma sequência prolongada de situações perturbadas com grande instabilidade do ar (Quadro I), propiciou uma forte e constante nebulosidade, para além de temperaturas moderadas (Fig.12). O mês iniciou-se, praticamente, por 5 dias marcados pela acção de centros depressionários ligados a situações de bloqueio em altitude, maioritariamente gotas frias; estes centros estacionários, embora com posição média no litoral sul do país, exerceram acção por todo o território. Seguiu-se um conjunto de 15 dias em que o traço dominante foi a passagem sucessiva de perturbações da frente polar, de W ou NW (Fig.13), associadas em altitude a correntes zonais ou vales depressionários, o que se reflectiu na precipitação observada em 19 dias consecutivos.

Quadro I - Frequência de ocorrência de anticiclones¹² e situações depressionárias

em Dezembro de 1989 e de 1990 (nº de dias)

| | A z | A a | A p | A a e | AE | AEU | A m | AA | A s | Perturb. | C.Depres. |
|---------------|-----|-----|-----|-------|----|-----|-----|----|-----|----------|-----------|
| Dezembro 1989 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 4 | 0 | 0 | 1 | 17 | 8 |
| Dezembro 1990 | 0 | 2 | 5 | 7 | 0 | 3 | 3 | 0 | 0 | 7 | 3 |

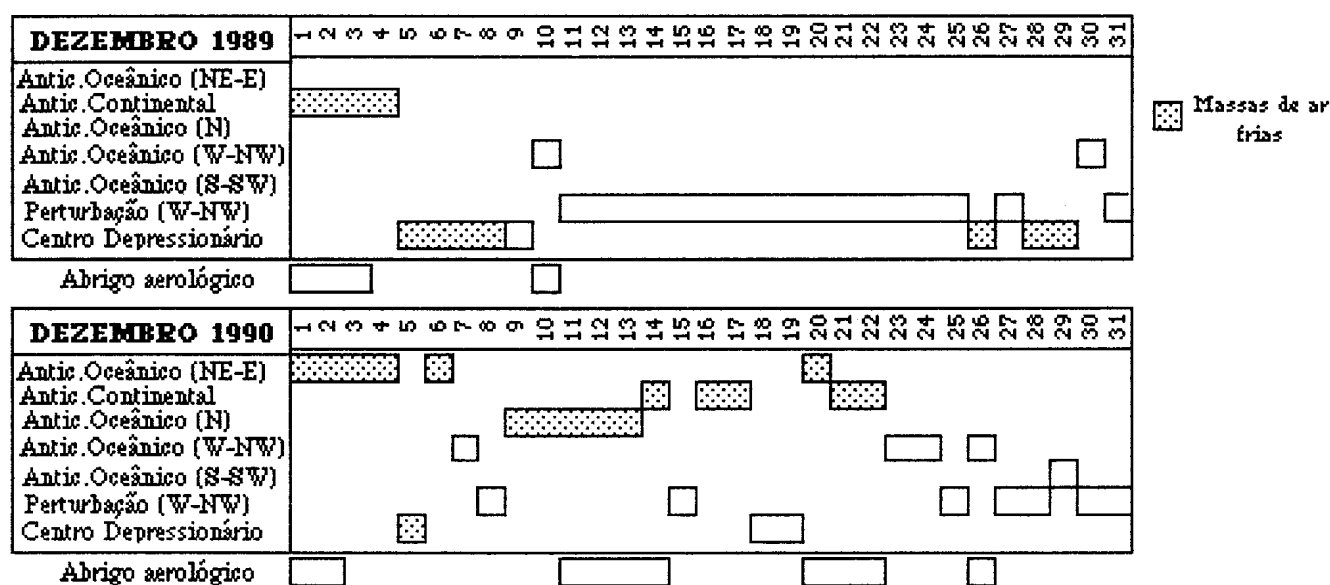


Fig. 13 - Proveniência e características das massas de ar que afectaram Portugal Continental ao longo dos meses de Dezembro de 1989 e de 1990

Nos restantes 4 meses analisados a relação entre os valores assumidos por alguns elementos climáticos e o desenvolvimento de maior número de quadros depressivos não é evidente. Assim, resta-nos enveredar pela procura de diferenciações no ritmo a que os estados de tempo se sucederam.

O caso de Julho de 1990 e Agosto de 1989

O Verão é, por norma, largamente dominado pela influência de situações anticiclónicas, relativamente às situações depressionárias. Este quadro é observável quer nos meses de Julho, quer de Agosto, de 1989 e de 1990, com um largo predomínio de anticiclones de tipo atlântico, pelo que procurámos detectar possíveis

¹² Tipos de anticiclones: A z (anticiclone atlântico zonal); A a (anticiclone atl. misto); A p (antic. atl. misto em apófise polar); A a e (antic. atl. misto prolongando-se pela Europa Ocidental); AE (antic. atl. misto ligado ao térmico europeu); AEU (antic. europeu); A m (antic. ibero-mediterrâneo); AA (antic. ibero-africano); A s (antic. atlântico subtropical)

diferenciações, entrando em linha de conta com a origem e trajecto dos principais fluxos que atingiram o país (Fig. 14 A e B).

As distinções entre Julho de 1989 e Julho de 1990 (o de maior número de chamadas para o Telefone da Amizade) são de dois tipos: por um lado, os anticiclones de tipo continental ou os atlânticos que dirigiram sobre Portugal massas de ar sujeitas a trajecto continental (NE e E) são mais frequentes em Julho de 90 (Quadro II) e, por outro lado, as situações depressionárias (influência de centros depressionários ou perturbações) são, também, ligeiramente superiores neste mesmo mês.

No que respeita aos meses de Agosto de 89 (maior nº de telefonemas) e de 90, a distinção não reside nos tipos de anticiclones presentes, uma vez que, em ambos os meses, não se registaram anticiclones continentais (Quadro II), mas sim, nos tipos de circulação e, conseqüentemente, nas características das massas de ar que afectaram Portugal.

Para além destes dados mensais de conjunto, as diferenciações são particularmente evidentes ao nível das sequências de dias sob influência de dadas condições da circulação. Em Julho de 1990 sucederam-se situações bastante alternantes no que respeita aos tipos de anticiclones e situações depressionárias. Assim, são várias as sequências, cada uma com pequeno número de dias, bem contrastadas entre si: massa de ar relativamente húmida e de temperatura baixa, fluxo de ar mais seco e quente, fluxo fresco e húmido associado quer a circulação ciclónica quer a anticiclónica, novamente fluxo de ar mais quente, embora relativamente efémero, e finalmente ar mais húmido de trajecto de W-NW (Fig.14 A)

Contrariamente, no mês de Julho de 1989 as alternâncias quanto aos tipos de massas de ar e seu trajecto são em menor número. Na primeira e última décadas do mês predominaram massas de ar frescas a amenas e relativamente húmidas, enquanto a 2ª década sofreu influência de massas de ar relativamente mais quentes, com maior humidade se o fluxo é de SW e mais secas quando o anticiclone atlântico se estende pelo ocidente da Europa, dirigindo sobre Portugal um fluxo de NE ou de Este.

As conseqüências das situações evidenciadas fazem-se sentir nalguns dos elementos caracterizadores do estado de tempo que apresentam uma maior variabilidade ao longo do mês (Fig15).

Embora Julho de 90 registe uma nebulosidade média ligeiramente superior à de Julho de 89 tal deve-se ao facto de no primeiro daqueles meses as situações perturbadas terem sido mais frequentes e com forte nebulosidade associada. Contudo, mais importante do que os valores médios, são as várias alternâncias observadas em Julho de 90 entre dias de forte nebulosidade e sequências de dias de forte insolação, associados estes últimos, quer a anticiclones oceânicos de trajecto continental e anticiclones estendidos para norte, dirigindo sobre o território massas de ar mais frescas e menos húmidas, quer mesmo a anticiclones continentais.

10

A influência nas temperaturas mínimas repercute-se no maior coeficiente de variação observado em Julho de 1990 (Fig.15). As mínimas mais elevadas registaram-se, fundamentalmente, nos dias em que predominou a influência de anticiclones continentais ou atlânticos com fluxos de SW. Nesta situação observaram-se igualmente valores das temperaturas máximas dos mais elevados do mês, para além de fraca velocidade dos ventos e forte nebulosidade.

As temperaturas mínimas mais baixas coincidiram com a presença de situações anticiclónicas com predomínio de fluxos de W-NW e N. Disto são demonstrativas as sequências de 1 a 6 e de 28 a 30 de Julho 90, marcadas por fluxos constantes de NW e N (Fig.14 A), com valores da temperatura mínima dos mais baixos do mês e elevada velocidade do vento.

Para o mês de Agosto de 1989 (maior nº de chamadas) registou-se uma maior variedade de sequências de dias, ora sob influência de massas de ar mais quentes (SW e de NE), ora massas de ar de W-NW e N de temperatura moderada (Fig.14 B). As consequências são, nomeadamente, ao nível da maior variabilidade dos valores da insolação, uma vez que as massas de ar com trajecto continental nem sempre atingiram o território libertas da humidade de origem. Este facto repercutiu-se no comportamento das temperaturas mínimas que apresentaram uma média mensal ligeiramente mais elevada, embora com maior coeficiente de variação (Fig.15).

O período de 9 a 22 de Agosto de 1989, embora dominado pela presença constante de um anticiclone oceânico, revelou uma clara distinção nos tipos de tempo observados do dia 9 ao dia 14 e do dia 16 ao dia 22. O facto de, no primeiro período, ter predominado uma circulação de NW esteve na origem das mais fortes velocidades do vento, de nebulosidade moderada a forte, nomeadamente nevoeiros e nuvens estratificadas durante a manhã, e de temperaturas máximas relativamente baixas. No segundo período, o anticiclone ao posicionar-se a uma latitude ligeiramente inferior, determinou que os fluxos fossem predominantemente de W. Como resultado, e ainda que se tivesse registado forte velocidade do vento, a nebulosidade foi muito fraca e as temperaturas mínimas baixaram, consideravelmente, em relação ao período antecedente.

O início deste mês de Agosto, dominado por circulações de SW ou E, registou as temperaturas máximas e mínimas diárias mais elevadas do mês, comportamento este que veio na sequência dos últimos 7 dias do mês anterior (Julho de 89), marcado pela influência de uma depressão de origem térmica sobre a Península.

O caso de Outubro de 1989 e Abril de 1990

12

Outubro de 89 registou uma maior frequência de dias sob influência de anticiclones, contrariamente ao Outubro de 90 (Quadro III).

As 8 situações depressionárias registadas no primeiro daqueles meses foram alternando com dias sob influência de massas de ar mais estáveis associadas à presença de anticiclones, ora atlânticos puros, ora atlânticos com trajecto continental, ora continentais (Fig.16 A). Contrariamente, no ano de 90, o mês de Outubro apresentou sequências mais longas de dias com estados de tempo semelhantes entre si.

Abril de 1990 registou uma maior alternância entre dias com influência de massas de ar de temperatura amena e humidade elevada e massas de ar bastante mais frias dirigidas por fluxos de N ou NE-E, menos húmidos (Fig.16B). Por este facto, os parâmetros da temperatura média, máxima e mínima e ainda a insolação apresentaram uma maior variação ao longo do mês (Fig.17).

5. Conclusão

Neste contributo a uma temática tão complexa não foi, em momento algum, nosso objectivo estabelecer relações quantificadas entre o suicídio e características dos parâmetros climáticos. Pretendemos apenas explorar a hipótese da possível relação entre as condições do estado de tempo e a tomada de decisão para a consumação do suicídio.

O número bastante contrastante de chamadas para o *Telefone da Amizade*, que verificamos existir em alguns meses do ano, não evidenciou qualquer relação com os valores absolutos assumidos pelos parâmetros climáticos. Não parece ser, portanto, a ordem de grandeza dos valores a principal justificação para o agravamento de alguns quadros depressivos, mas antes, o ritmo a que os valores se sucederam ao longo do mês.

Tal como a bibliografia nos sugeria e o senso comum nos aconselhava, começamos exactamente por procurar relações entre as diversas combinações de parâmetros climáticos e o número de quadros depressivos desencadeados. Todavia, não foi observável qualquer relação entre os dias sombrios, húmidos e frios, ou entre os dias quentes, soalheiros e secos e a manifestação de gestos suicidas. A relação entre a componente climatológica e o agravamento dos estados depressivos provou ser muito mais subtil. Emergiu, apenas, quando ao analisar o ritmo a que os valores de temperatura, nebulosidade e insolação se sucediam, constatamos haver uma coincidência entre os "comportamentos inesperados" para a época do ano em causa e o maior número de chamadas telefónicas.

Partindo do pressuposto que existem, quer ao nível psicológico, quer mesmo ao nível biológico, um conjunto de expectativas no que respeita às características do estado de tempo associadas a cada época do ano, traduzida, genericamente, por uma grande variabilidade nos meses de transição e por uma maior regularidade no Inverno e no Verão, verificou-se que, quando comparamos os mesmos meses de anos

sucessivos, o maior número de chamadas ocorreu, exactamente, quando estas "expectativas" não se confirmaram.

Quadro IV - Quadro síntese

| MESES COM MAIS CHAMADAS TELEFÓNICAS | CARACTERÍSTICAS CLIMÁTICAS | | SITUAÇÃO SINÓPTICA |
|-------------------------------------|--|---|--|
| | MÉDIA | VARIABILIDADE | |
| JULHO DE 90 AGOSTO DE 89 | Insolação menor Nebulosidade maior | Insolação maior Nebulosidade menor Temp. mínima maior | Maior variabilidade no tipo de situações sinópticas Grande alternância dia/dia de massas de ar húmidas, menos húmidas e muito quentes e secas |
| DEZEMBRO DE 89 | Insolação menor Precipitação } maior Temperatura } maior Vel. vento } | Vel. vento } maior Insolação } maior Temperatura menor | Predomínio de perturbações de W-NW e de massas de ar húmidas. |
| OUTUBRO DE 89 | Temperatura } maior Insolação } maior Vel. vento } menor Precipitação } menor | Nebulosidade } menor Vel. vento } menor | Maior variabilidade na origem das massas de ar, embora maior frequência de massas de ar mais quentes |
| ABRIL DE 90 | Temperatura maior Insolação menor | Nebulosidade } menor Vel. vento } menor Temperatura maior | Maior frequência de situações anticiclónicas Maior número de dias sob influência de massas de ar menos frias e húmidas |

Nos meses de Verão, quando é esperado que se sucedam longos períodos com temperaturas elevadas, fraca humidade e condições gerais de estabilidade do ar, o facto de se ter verificado uma grande alternância de massas de ar de características bem distintas, com reflexo na grande variabilidade dos principais elementos do estado tempo, como se observou em Julho de 1990 e em Agosto de 1989, pode ter contribuído para o aumento de quadros depressivos relativamente a Julho de 1989 e Agosto de 1990 (Quadro IV e V).

De igual modo, nos meses de Inverno, em que se esperam temperaturas baixas, grande humidade e instabilidade do ar, Dezembro de 1989 apresentou uma longa sequência de dias sob influência de perturbações da frente polar, com a variabilidade de estados de tempo inerente à passagem dos vários sectores das perturbações, para além de as trajectórias predominantes de W-NW terem contribuído para o maior valor das temperaturas, especialmente das mínimas (Quadro IV e V).

Tanto o mês de Abril de 1990 como o mês de Outubro de 1989 não corresponderam, nem em irregularidade nem na ordem de grandeza dos valores registados pelos elementos climáticos, às características de época de transição que lhes estão associadas. O mês de Abril de 1990 tendo registado um maior número de situações anticiclónicas, conjuntamente com uma sequência mais prolongada de dias sob influência de massas de ar mais amenas propiciou, em alguns dias condições semelhantes às de um início de Verão, nomeadamente no que respeita às temperaturas máximas (Quadro IV e V).

Outubro de 1989 revelou ser um mês de características marcadamente de fim de Verão, com grande predominio de situações anticiclónicas e temperaturas ainda relativamente elevadas para a época, quer no que respeita às máximas, quer às mínimas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURKHEIM, EMILE - O suicídio - estudo sociológico. 5ª edição, Editorial Presença, Lisboa, 1992.

FREITAS, EDUARDO - O suicídio em Portugal no séc.XX- elementos empíricos para uma pesquisa, "Finisterra", XVII(34), CEG, Lisboa, 1982, p.267-300.

GUILLOIN, CLAUDE; BONNIEC, YVES le - Suicídio, Modo de Usar. Antígona, Lisboa, 1990.

MENDES, J.FRAGOSO - Nota prévia sobre a incidência do suicídio em Lisboa, s/data.

PRIETO, A.G., et al. - Aspectos epidemiológicos del suicidio en Asturias en relacion con la climatologia, lo estacional y otros factores, in "Actas Luso-Esp. Neurol.Psiquiatr.", 19, 4, 1991, p.185-190.

SAMPAIO, DANIEL - Ninguém morre sózinho - o adolescente e o suicídio. Caminho, Lisboa, 1991.

SOUËTRE, E. et al. - Seasonality of suicides: environmental, sociological and biological covariations, "Journal of Affective Disorders", 13, 1987, p.215-225.

SOUËTRE, E. et al. - Influence of environmental factors on suicidal behavior, "Psychiatry Research", 32, 1990, p.253-263.